

Gabriel Zarur



Flautista Odette Ernest Dias:
ela espalhou a música por
todos os recantos de Brasília

A flauta mágica e o amor de mãe

Coletivo Maria Cobogó lança, no Beirute, *Odette Ernest Dias*, biografia da flautista fundadora do Clube do Choro, e *Nunca é para sempre*, de Solange Cianni

» JÚLIA COSTA*

Odette Ernest Dias nasceu em Paris, França, em 1929. Começou a estudar música aos 12 anos, quando passou a fazer aulas de piano e canto com uma vizinha, e, quatro anos depois, em 1945, teve contato com o instrumento que a acompanharia por toda a vida: a flauta transversa. Na sequência dos estudos musicais, graduou-se no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris e, em 1952, juntou-se à Orquestra Sinfônica Brasileira, no Rio de Janeiro, a convite do maestro Eleazar de Carvalho.

Era o início de uma mudança completa na vida da francesa que viria a fazer história na música brasileira — mais importante, na arte brasiliense. Em 1974, Odette veio à capital para ser professora titular do Departamento de Música da Universidade de Brasília (UnB); na cidade, ficaria mais conhecida pelas rodas de choro que promovia aos sábados no seu apartamento da 311 Sul. Com o sucesso da iniciativa, funda, oficialmente, o Clube do Choro, que ganha um espaço improvisado no subsolo do gramado do Eixo Monumental, onde funcionou por mais de 30 anos. Em 1994, se aposenta da UnB e volta ao Rio de Janeiro, onde continua a dar aulas de música até 2020. Odette Ernest Dias morreu em 24 de dezembro de 2025, aos 96 anos, na capital carioca.

Levar a história de vida da flautista ao papel é o projeto mais recente do Coletivo Maria Cobogó que, desde 2021, homenageia personalidades marcantes de Brasília com o lançamento de biografias voltadas ao público infantojuvenil. Nesta quinta-feira, o bar Beirute (109 Sul) recebe o lançamento de *Odette Ernest Dias*, escrito por Ana Maria Lopes e Marcia Zarur, e *Nunca é para sempre*, de Solange Cianni, também do Coletivo, a partir de 18h30.

Odette Ernest Dias faz parte do projeto educativo Mestres Cobogós, criado para manter viva a memória de grandes artistas. “O projeto tem a intenção de pegar essas pessoas que vieram para Brasília e a transformaram numa cidade mais palatável e alegre, que trouxeram cinema, música e teatro, para Brasília se consolidar como a cidade linda que ela é”, conta Ana Maria Lopes. “A proposta visa levar o conhecimento delas para as escolas públicas do Distrito Federal, para que os jovens possam tomar conhecimento e se sentirem pertencentes à cidade a partir dos biografados.”

Arquivo CB



Marcia Zarur e Ana Maria Lopes: conexão das novas gerações com os mestres de Brasília

Para Marcia Zarur, é necessário que os jovens conheçam a história de Brasília para que possam amar a cidade. “A gente acredita que o Brasil tem um problema de falta de memória, e o projeto vem para suprir isso: para as pessoas saberem quem foram as personalidades tão importantes na criação e consolidação na identidade de Brasília”, diz. “É importante fazer com que as novas gerações não se desconectem com a essência da cidade, porque a gente só cuida do que ama e só ama o que conhece.”

O livro traz, no final, um encarte com propostas de seis atividades pedagógicas desenvolvidas pela pedagoga e escritora Solange Cianni: apresentação do livro, oficina sensorial de corpo e movimento, produção textual, oficina criativa e apresentação do resultado do projeto. “Queríamos que o conteúdo se transformasse também para a sala de aula e pudesse ser trabalhado de forma interdisciplinar, mais lúdica, para as crianças aprenderem”, explica Marcia.

Beth e Jaime Ernest Dias, filhos de Odette,

participaram da construção do projeto cedendo relatos à Marcia e Ana Maria sobre a mãe. “Eles compartilharam um pouco da personalidade dela. Conhecíamos ela de ouvir tocar, mas, nessa conversa, entramos nessa coisa da Odette mais dentro de casa, a mãe, o círculo mais íntimo”, diz Marcia. Para elas, os relatos criaram uma maior afeição pela flautista. “Os filhos mantiveram os olhos amorosos. Eles deram subsídio da vida doméstica, até na vida com o pai no Rio de Janeiro, quando ela tocava em rádio”, diz Ana Maria.

A biografia relembra histórias marcantes de Odette em Brasília, principalmente nas rodas de choro promovidas no Concerto Cabeças, no gramado em frente ao prédio onde morava, na Asa Sul: sentindo falta de um piano no grupo, a flautista amarrou o instrumento que tinha em casa e desceu-o pela janela; em outra ocasião, quando Odette percebeu que a natureza da quadra respondia positivamente à música. “Queremos que as pessoas leiam e se afeiçoem deles”, define Marcia.

Uma casa colorida

Pedagoga, Solange Cianni acompanha de perto os efeitos do abandono paterno e a luta de mães solo para equilibrar o trabalho e as necessidades emocionais dos filhos. Em *Nunca é para sempre*, o objetivo é lembrar que nenhuma dificuldade é eterna e que logo as cores retornarão à vida da família. “É a proposta de mudar o paradigma colorindo, como se trouxesse, além das cores, um amor que precisa ser cuidado”, afirma a escritora.

No livro, um menino vive em uma casa vazia e feia — sem a presença do pai, e com uma mãe sempre no trabalho. Um dia, brincando no jardim, encontra uma pequena flor colorida; mostra o achado para a mãe, que relembra as cores e alegria da vida. “O paradigma da relação mãe e filho muda completamente a partir do olhar apurado para o dia a dia da criança, que o adulto passa o rodo em cima porque está muito ocupado”, conta.

Para ela, escrever histórias para crianças é uma forma de dar voz aos pequenos. “Toda vez que fazemos uma história, escrevemos um livro, fazemos teatro chamado infantil, estamos dando voz para as crianças para que os adultos as ouçam”, reflete Solange.

A maternidade de Solange, que tem quatro filhos, virou inspiração para o livro. “Foi muito emocionante. Também sou mãe solo, então criei meus filhos sozinha e todos ficaram muito emocionados, porque reconhecem a liberdade, o amor de uma mãe”, diz. “O amor materno é imenso, e as famílias devem oferecer aos filhos a liberdade para que possam encontrar os próprios caminhos.”

As ilustrações de *Nunca é para sempre*, feitas por Camila Siren, são inspiradas em um dos filhos de Solange, que é artista de rua. “Eu me inspirei nele quando falo de colorir o mundo onde ele passa. Sinto que a arte é um lugar de cura que pode trazer reflexões pessoais e ressignificar a vida a partir das cores”, afirma. “Também destaco isto: quando estivermos tristes, podemos pintar e ressignificar nossa tristeza. Refletimos sobre o que aconteceu e abrimos caminhos para solucionarmos.”

*Estagiária sob a supervisão de Severino Francisco

ODETTE
ERNEST DIAS
E NUNCA É PARA
SEMPRE

Lançamento nesta
quinta-feira, a partir
de 18h30, no Beirute
(109 Sul).